

EREMI'U RUPA

abrindo roças



SABERES ZO'É





EREMI'U RUPA
abrindo roças

LEONARDO VIANA BRAGA

desenhos
DANI EIZIRIK
MERETEN
TEBO & TOAPA



SABERES ZO'É

Iepé & FPEC-Funai
2021

**COMO LER AS PALAVRAS DA LÍNGUA ZO'É
CITADAS NESTE LIVRO** 09

PREFÁCIO

por Dominique Tilkin Gallois
e Fábio Nogueira Ribeiro 13

A VIDA DAS ROÇAS 27

A PROLIFERAÇÃO DE ROÇAS 31

OS MOVIMENTOS SAZONALIS 35

KATU RAM RABOT

onde pode ser uma aldeia 38

YWY DAHEJ REHE

lugares ruins para abrir uma aldeia..... 42

UM LUGAR PARA SER UMA ALDEIA 45

A ABERTURA DE UMA CLAREIRA 51

AS FERRAMENTAS 57

**UMA ROÇA INAUGURA UMA VERDADEIRA
ALDEIA** 63

TYTETYTE DE'OK JO'E JATY

cada um tem seu mandiocal..... 68

OS CAMINHOS DOS CULTIVARES	73	O PROCESSAMENTO DE OUTROS ALIMENTOS	143
OS CULTIVARES	77	USOS DAS PLANTAS NÃO ALIMENTÍCIAS .	147
IKIREOJ DE'OK		TAPERERAWE MO'E POTARIHO	
mandioca tiryó	81	quando as plantas deixam de gostar da roça ..	154
A DIVERSIDADE DE CULTIVARES	85	VIRANDO CAPOEIRA	157
MO'E ATYHA PEJUHA		DE'OK DAPOTARI SE UMARA ÕJ	
os sopros-falas no plantio.....	98	a mandioca não quer mais o Umara	161
O PLANTIO	101	VIRANDO MATA	169
PIJI REHE		TAPERERAPE JYJYWYHA	
o aroma nas roças.....	108	andando pelas capoeiras	170
A MATURAÇÃO DOS CULTIVARES	111	OS ZO'É E A AGROBIODIVERSIDADE ...	173
O PROCESSAMENTO DA MANDIOCA ..	117	COMO ESSE LIVRO FOI FEITO	181
U'I APOHA		GLOSSÁRIO	184
fazendo farinha	126		
BADE'OK KYRYHA			
ralando mandioca	131		
MO'E UWA			
comendo com farinha, beiju e tapioca ..	138		

COMO LER AS PALAVRAS DA LÍNGUA ZO'É CITADAS NESSE LIVRO

Até muito recentemente, a língua falada pelos Zo'é era exclusivamente usada oralmente. Trata-se de uma língua da família Tupi-Guarani, ainda pouco conhecida. Desde 2017, um grupo de jovens líderes e alguns rapazes têm se apropriado da leitura e escrita em sua própria língua. Para o desenvolvimento das ações de letramento, a equipe do Instituto de Pesquisa e Formação Indígena – Iepé se apoiou na proposta de ortografia da língua zo'é elaborada pela linguista Ana Suelly Cabral (2013). Ao longo desse processo, sentimos a necessidade de atualizar e adaptar essa grafia, levando em consideração, inclusive, as considerações que já vêm sendo feitas pelos próprios Zo'é. As escolhas assumidas nesse livro são de responsabilidade do autor.

Como acontece com qualquer idioma, a convenção adotada para a escrita em zo'é é específica dessa língua, cujos sons não são equivalentes aos da língua portuguesa. Por isso, as palavras desse livro escritas em zo'é não devem ser pronunciadas como se leria uma palavra em português.

Normalmente a sílaba mais forte da palavra é a última. Não é necessário usar acentos para marcar essa força. Por exemplo, *apo*, “raiz”, deve ser lida “apó”.

O símbolo (') aparece em palavras como *i'e*, “fruto”. Ele representa uma consoante oclusiva glotal, que consiste em uma espécie de parada abrupta e rápida na pronúncia das partes da palavra que o precedem e o sucedem. Algo similar à exclamação “ah ah!”, exprimindo uma descoberta.

Devemos ler *kusi*, nome que os Zo’é dão à cutia, como “cussí”, pois o **S** nunca tem som de **Z** e não é preciso grafar **SS** como no português.

Na palavra *makaisera*, o **S** deve ser lido com som de **X**, semelhante ao modo como pronunciamos a palavra “macaxeira” em português. É a letra **S** que representa este som na escrita da língua zo’é sempre que for antecedida da vogal **I**. Nunca usamos **X** nem **CH**.

A letra **Y** representa um som que não temos na língua portuguesa. Ele soa próximo ao “eu” francês e é muito frequente nas palavras zo’é. Há vários exemplos ao longo do livro.

O **W** tem um som próximo ao nosso **U**, e é pronunciado de maneira similar a palavra *wonder* em inglês. Assim, *wata*, “andar”, não deve ser lido “vatá” e sim “uatá”.

A pronúncia do **W** pode ser muito suave. Por exemplo, na expressão *awu*, o substantivo “fala”, o **W** quase nos passa despercebido, soprado entre os lábios, “auú”.

O **K** tem diferentes usos. Ele substitui o **C**, que nunca é usado na escrita da língua zo’é. Por exemplo, em *ko*, “roça”, temos que ler “có”. Por sua vez, quando antes do **K** vem um **I**, o som do **K** se aproxima do **TCH** como usamos para escrever “tchau”. Esse é o caso do verbo *iko*, “ter”, que deve ser lido “tchó”.

Já o **KW**, tem o som do nosso **QU**, como na palavra *kwata*, nome de um tipo de macaco, conhecido em português como coatá, coamba ou macaco-aranha.

Quando o **K** vem antes das vogais **A** e **E** seu som é um pouco diferente, como se ouvissemos uma vogal **I** entre a consoante e a vogal, tal como em *katu*, “clareira”, e *jakare*, “jacaré”, que devem ser lidas, respectivamente, “kiatú” e “dzakiaré”.

O **R**, por sua vez, nunca tem som de **RR**, mesmo no começo da palavra. Por exemplo, o **RI** na palavra *riru*, “cabaça”, deve ser pronunciado como fazemos na palavra “júri” em português.

É a letra **H** que soa como um **R** forte, tal como no inglês. Isso acontece na palavra *uhu*, “grande”, que deve ser lida “urrú”.

O **J** tem diferentes usos na escrita em zo'é, a depender da vogal que o acompanha. Em *jakare*, “jacaré”, ele tem som de **DZ**, por isso se deve pronunciar “dzakiaré”. Já no caso da palavra *ju*, “espinho”, ele soa como **DJ**, e, assim, lê-se “djú”.

No caso da palavra *wajū*, um tipo de árvore de pequeno porte, devemos ler “uānhu”. Nesse caso, o **J** está junto de uma vogal nasal e soa como **NH**.

Por fim, quando o **J** aparece depois de qualquer vogal, ele soa como um “i” fraco. Por exemplo, em *tokej*, “tocaia”, cuja pronúncia é muito próxima da palavra “toquei”, e em *kuj*, “cuia”, que deve ser lida “cúi”.

Assim como a maioria das palavras, a expressão *eremi'u*, que compõe o título do livro, também tem som forte na última sílaba. Além disso, expressões que contêm as consonantes **M** ou **N**, que indicam nasalização na pronúncia, mostram que as outras sílabas da palavra também têm som nasal, e devem ser lidas assim: “*erēmī'ū*”.

PREFÁCIO

Este é o segundo volume de uma série de publicações dedicadas aos saberes e práticas do povo Zo'é. Este livro descreve alguns aspectos importantes da relação que ele mantém com suas roças, especialmente seus modos de conceber e de cuidar das plantações. Dessa forma, o livro mostra como viver em clareiras abertas em locais adequados ao cultivo das roças está diretamente atrelado à sua ampla mobilidade territorial. Essa prática dos Zo'é e de muitos outros povos na Amazônia é de extrema relevância na promoção da biodiversidade das florestas onde vivem.

ZO'É

Habitantes de densas florestas situadas no interflúvio dos rios Erepecuru e Cuminapanema, no norte do Pará, os Zo'é são hoje 320 pessoas, que se distribuem entre mais de 40 pequenas aldeias. Sua terra foi demarcada, e homologada em 2009, com 668.565 hectares.

Em situação de recente contato, os Zo'é convivem com agentes de assistência há apenas três décadas, mantendo vigorosamente suas formas de organização social e territorial. Uma das principais características do seu modo de vida é a intensa mobilidade das famílias entre diferentes roças e aldeias. Esse modo de ocupação garante acesso aos recursos florestais sem esgotá-los, uma vez que as atividades de cultivo das roças, de caça, pesca e coleta são feitas em pequena escala, pelas diferentes famílias, em áreas distintas. Dessa forma, eles acumulam um exímio conhecimento sobre seu território, percorrido através de uma intrincada rede de caminhos que dão acesso não só às aldeias, acampamentos e capoeiras, mas a pontos específicos de caça de determinados animais, ou de locais de coleta dos mais

diversos recursos utilizados no dia a dia, tanto para alimentação como para a fabricação de utensílios.

A qualidade de vida dos Zo'é decorre, portanto, desse grande acervo de conhecimentos, transmitidos e aperfeiçoados ao longo das gerações. Se, nas últimas décadas, os Zo'é se apropriaram seletivamente de alguns itens industrializados, continuam valorizando seus próprios saberes e tecnologias para fabricar os artefatos que utilizam cotidianamente.

FAZ

Com o intuito de fomentar a divulgação qualificada e o reconhecimento dos saberes e práticas dos Zoé, a Frente de Proteção Etnoambiental Cuminapanema – FPEC/Funai vem ajudando os Zo'é a comercializar alguns objetos e adornos de seu cotidiano, como cestos e cofos trançados, pulseiras de ouriço de castanha, recipientes em cerâmica, tipoias feitas de algodão e colheres de madeira e coco. A renda gerada com a venda dessas peças assegura maior autonomia da comunidade na aquisição dos objetos industrializados que foram incor-

porados ao seu modo de vida há várias décadas. Entre esses objetos, destacam-se facas, machados e terçados, anzóis, arames e linhas de pesca, lanternas, pentes, linhas de algodão.

A gestão deste Fundo de Artesanato Zo'é – FAZ é realizado pela FPEC/Funai com a participação de todas as comunidades, a qual avaliam os resultados da venda e decidem quais objetos adquirir, assim como definem os modos de distribuição entre pessoas e famílias.

Cabe destacar que apenas uma parte restrita dos artefatos produzidos pelos Zo'é pode ser comercializada, tendo em vista o artigo 29 da Lei 9.605 (Lei de crimes ambientais), que proíbe a venda de peças contendo partes de animais. Flechas, por exemplo, compostas com penas de aves e lascas de ossos não podem ser vendidas. Da mesma forma, não se vende adornos em plumária. Outros artefatos, como os arcos, feitos de uma madeira extremamente dura e rara, não são vendidos para evitar a diminuição do estoque desse recurso, fundamental na produção e segurança alimentar do povo Zo'é.

É por este motivo que esperamos, com a venda dos livros desta série, poder aumentar o volume de recursos necessários à aquisição e distribuição dos bens de consumo que fazem

parte do cotidiano das famílias zo'é. Ao mesmo tempo, o Fundo de Artesanato propõe valorizar os conhecimentos envolvidos na coleta das matérias primas e na confecção das peças.

São Paulo, 20 de abril de 2021
Dominique Tilkin Gallois,
USP e Iepé

Fabio Nogueira Ribeiro,
Coordenador da FPEC/FUNAI

**– I’E SU MAMA,
E’I DEABU
– I’E TITIK, KWATA PU’Ã
TITIK I’E,
E’I TIHE**

– Deu mandioca mamãe?,
indagou Deabu
– Deu mandioca pequenina,
um dedo de coatá
pequenininho deu!,
respondeu Tihe



“Eremi'u rupa”, “lugar de minha comida”. É assim que os Zo’é definem uma aldeia onde há uma bela roça repleta, principalmente, de mandioca. Contudo, quando definem o seu lugar de comida, não estão falando exclusivamente de suas roças.

A farinha, o beiju e a tapioca são considerados o acompanhamento de seus alimentos mais desejados: carne de caça e leite de castanha-do-Brasil. É a fartura de caça e a proximidade com castanhais que são mencionados como os principais atrativos para se estabelecerem territorialmente. É de acordo com esses critérios que eles costumam escolher lugares adequados para abrirem uma aldeia. O acesso a outros alimentos na floresta como o açaí, a bacaba e o patauá, igualmente consumidos com derivados de mandioca, assim

como a oferta de peixes, contribuem também para a escolha de bons lugares para se viver. Vale lembrar que, embora já consumissem peixes, foi muito recentemente que os Zo'é passaram a abrir aldeias e a estar mais tempo na beira de grandes rios, lugares atrativos pela fartura de peixes maiores.

Convidamos o leitor a conhecer o ciclo de uma aldeia zo'é olhando para suas roças. Como se dá o processo de abertura de uma nova clareira? Como se dá o trabalho em suas roças? Como se caracteriza o desgaste que leva ao abandono do lugar, tornando-se ele uma capoeira? Por que as capoeiras são visitadas?



Esse livro, ao abordar a importância das plantas cultivadas na vida dos Zo'é, também procura mostrar como o manejo das roças e a vida em clareiras enriquece a biodiversidade das florestas onde eles vivem.





EREMI'U RUPA
abrindo roças

